



Cooperações e Conflitos entre os Campos da Comunicação e Educação: A “Rádio” na Escola e a “Escola” na Rádio¹

Tarciana de Queiroz Mendes Campos – Universidade Federal do Ceará (UFC)²
Alexandre Barbalho – Universidade Estadual do Ceará (UECE)³

Resumo

Este artigo encontra-se numa zona fronteira entre os campos da comunicação e da educação. A pesquisa tomará para reflexões situações que envolvem processos comunicativos e a escola. Para isso, fará uma breve revisão bibliográfica das obras de Bourdieu que tratam sobre o conceito de campo e sobre a escola. Em seguida, para entrecruzar os campos comunicação e educação, o artigo concentra-se na obra de Martin-Barbero, “A educação desde a comunicação”.

Palavras-chave

Campo; Comunicação; Educação; Rádio; Escola

1. Campos de Conhecimentos e Interdisciplinaridade

As reflexões sobre o paradigma campo podem ser desenvolvidas em oposição ao paradigma sistema⁴. O sistema seria um conjunto de elementos com capacidade auto-reprodutiva. A estrutura de um sistema é feita de modo a que ele se mantenha, o que não deixa lugar para resistências e reduz o papel dos indivíduos na definição da dinâmica do sistema. Já o campo caracteriza-se por estar em movimento, por ser formado e legitimado mediante relações de poder entre os agentes. O campo surge com base no reconhecimento de um objeto que é disputado, havendo uma legitimidade construída em torno de cada campo. Segundo Bourdieu,

um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças (BOURDIEU, 1983, pp.57).

Para o autor, um dos conceitos fundamentais para a compreensão do mundo social é o de campo, de modo que diferentes campos fazem parte da estrutura social. O campo cultural é formado por dois campos básicos: o intelectual (científico, filosófico, político-jurídico, educacional) e o artístico (RIBEIRO, 2002). Dentro do campo existem

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a cidadania do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do curso de Comunicação Social da UFC, email tarcianacampos@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor dos PPGs em Políticas Públicas e Sociedade da UECE e em Comunicação da UFC, email alexandrebarbalho@hotmail.com.

⁴ Mais informações sobre o desenvolvimento dos conceitos sistema e campo desde a formulação na Física até a influência desses conceitos nas Ciências Humanas nos anos de 50 e 70 podem ser encontradas em MARTINO, Luiz C. Abordagens e representação do campo comunicacional. 15º Encontro Anual da Compós. Unesp-Bauru, 6 a 9 de junho de 2006. Os autores Parsons e Luhmann desenvolvem em seus trabalhos enfoques sistêmicos. Ao passo que a abordagem do paradigma campo está muito presente na obra de Bourdieu.



agentes desenvolvendo estratégias que podem ser de conservação/ sucessão ou de subversão. Há desigualdade no exercício do poder.

Para Lopes (2006), as reflexões de Bourdieu sobre o campo, ao verificar relações de poder, evidenciam a dimensão política. Portanto, pensar a comunicação e a educação como campos implica considerar as disputas e conflitos envolvidos nas relações que se estabelecem.

Para Martino (2006), pensar a comunicação epistemologicamente é uma tarefa difícil. A área é recente e está em formação, apresenta cruzamentos de várias dimensões com outras áreas do conhecimento e com a vida prática. Além disso, para o autor, a comunicação reúne em torno de si vários tipos de interesse e o exercício do poder⁵.

Donsbach (2006) é outro autor a contribuir com as reflexões de caráter epistemológico sobre a comunicação. Ele marca os anos 60 e 70 como um período em que os professores eram generalistas, tentavam analisar a totalidade do campo e a totalidade do processo comunicativo. Porém, esse tipo de procedimento vai se tornando impossível de ser mantido devido ao crescimento do campo acadêmico nos últimos 30 anos. Donsbach (2006) avalia que a comunicação, além de não possuir um corpo comum de teorias, busca teorias em outras disciplinas para analisar os seus objetos. Para o autor a comunicação já nasce em contato estreito com teorias de outros campos do conhecimento, o que traz para a definição do campo maiores dificuldades.

Apesar dessa dificuldade de definição com relação ao campo da comunicação, para Soares (2007), já foi possível se verificar uma bem definida delimitação entre os campos da comunicação e da educação. Segundo Soares,

a história nos ensina, na verdade, que tanto a educação quanto a comunicação, ao serem instituídas pela racionalidade moderna, tiveram seus campos de atuação demarcados, no contexto do imaginário social, como espaços independentes, aparentemente *neutros* [grifo do autor], cumprindo funções específicas: a educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação responsabilizando-se pela difusão das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade (SOARES, 2007, pp. 13).

Porém, ainda segundo Soares, os estudos latinos desempenharão papel importante no desenvolvimento de teorias que verificam a aproximação dos dois campos. É o caso dos estudos de teóricos da educação, como Célestin Freinet e de Paulo

⁵ Escrevo este artigo a menos de uma semana em que o Supremo Tribunal Federal decidiu pela não obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo, o que exemplifica contundentemente os conflitos e as relações de poder que fazem parte do campo.



Freire, e de teóricos mais voltados para o campo da comunicação, como Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún. Para Soares, também avanços tecnológicos e o barateamento dos custos de equipamentos fazem com que “grupos ativos e organizados de especialistas” (SOARES, 2007, pp. 14) iniciem uma irreversível aproximação entre os dois campos.

A questão central de Soares (2007) é verificar se a inter-relação entre comunicação e educação chegará a ser reconhecida como um novo campo ou se continuará a ser reconhecida como interface entre dois campos tradicionais. O autor parte da hipótese central de que “efetivamente já se formou, conquistou autonomia e encontra-se em franco processo de consolidação um novo campo de intervenção social a que denominamos de inter-relação comunicação/educação” (SOARES, 2007, pp. 21). Seria o campo da “educomunicação”.

Realizado este breve panorama da conceituação de Bourdieu sobre “campo” e das reflexões sobre as relações entre comunicação e educação, este artigo fará uma análise de determinados processos comunicacionais que se desenvolvem dentro de escolas e de processos educativos que se desenvolvem dentro de emissoras de rádio. As idéias de Bourdieu sobre os campos, formados por relações de poder, bem como reflexões sobre interdisciplinaridade ajudam a investigar as relações e conflitos que podem se estabelecer entre os campos da comunicação e da educação nos processos observados.

Portanto, este artigo opta por pensar os processos aqui analisados sob a ótica da interdisciplinaridade, enfoque de Susan Herbst (2008). A autora chama atenção para a importância da busca da natureza comunicacional dos processos estudados como meio de fortalecimento do campo da comunicação. O que não esgota a demanda dos objetos do campo em dialogar com outras disciplinas. A interdisciplinaridade aparece como articulação de contribuições teóricas e metodológicas entre disciplinas na reflexão sobre um determinado objeto.

2 Algumas Reflexões sobre a Escola em Bourdieu

Nas reflexões de Bourdieu, a escola é um dos agentes de sociabilidade. De forma que, o sistema de ensino tem o poder de constituir ou reforçar todo um conjunto de elementos que formam o que Bourdieu (1992) chama de “personalidade do intelectual” de uma Nação. “Um pensador participa de sua sociedade e de sua época, primeiro através do inconsciente cultural captado por intermédio de suas aprendizagens intelectuais e, em especial, por sua formação escolar” (BOURDIEU, 1992, pp. 210).



Dessa maneira, as experiências e idéias trocadas na escola afetam o que vai ser pensado e discutido. O autor observa ainda que a escola condensa “tipos de pensamentos” de variadas épocas, o que gera uma “inércia” no sistema escolar.

Para Bourdieu, a escola terá um caráter diferenciador: aqueles que tiveram formação escolar; os que tiveram formação escolar, mas limitada; e os que não tiveram formação escolar alguma. Esse caráter diferenciador da escola está vinculado às diferenças sociais. “Não há distinção propriamente escolar que não possa ser relacionada a um conjunto de diferenças sociais sistematicamente associadas” (BOURDIEU, 1992, pp. 238). Importante notar que os conceitos “diferencial” ou “distintivo” estarão muito presentes na obra de Bourdieu. Segundo Ribeiro, para o autor, “toda cultura funciona como instrumento simbolizador da ‘posição diferencial dos agentes na estrutura social’. (...) Há, nesse sentido, uma inevitável hierarquia dos bens simbólicos homóloga à hierarquia entre as classes sociais” (RIBEIRO, 2004, pp.52). Desta forma, Bourdieu observará que até mesmo questões como o “gosto” e a estética corresponderão a um determinado estilo de vida, que por sua vez corresponde a uma determinada posição social.

Segundo Ribeiro (2004), as reflexões de Bourdieu mais detalhadas ou específicas sobre as instituições de comunicação são poucas. No entanto, o autor traz uma reflexão importante para este artigo, por vincular comunicação e educação. Para ele, as instâncias de comunicação possuem importância cultural, social e política crescente, devido ao restrito acesso a instituições de ensino superior, baixos índices de escolaridade, alfabetização e fragilidade de instituições socializadoras, ou seja, a fragilidade de aspectos ligados ao campo da educação fortalece a atuação e o poder de instituições de comunicação. Essa idéia encontra ressonância em Martin-Barbero, na seguinte indagação:

Además ¿cómo reducir a fascinación la relación de las mayorías con la televisión en un país en el que la esquizofrenia cultural y la ausencia de espacios de expresión política potencian desproporcionadamente la escena de los medios, y especialmente de la televisión? (MARTIN-BARBERO, 2002, pp. 49).

Ao se referir à ausência de espaços de expressão política, é como se Martin-Barbero completasse a idéia de Bourdieu citada. Se pensássemos em uma balança é como se houvesse um desequilíbrio entre espaços de educação, socialização, trocas de idéias políticas e as instituições de comunicação, que vêm preencher as ausências. Na obra “Dos meios às mediações”, Martin-Barbero (2003) perguntará qual lugar os meios



de comunicação ocupam na vida e nas casas das pessoas? No tempo livre de cada indivíduo? Nos momentos de lazer? Até que ponto a ausência de praças, parques ou bibliotecas faz as pessoas darem tanta atenção à TV?

O artigo voltará a outras questões desenvolvidas por Martin-Barbero. Por hora, constata que apesar de Bourdieu está se referindo ao sistema de ensino francês, a universalidade do pensamento do autor, possibilita que algumas questões colocadas possam ser refletidas também em relação à escola brasileira. Ressalto duas: 01) A reflexão de Bourdieu com relação às diferenciações, às hierarquias que tanto são escolares quanto sociais. Afinal de contas, estudantes das escolas públicas não sofrem no Brasil uma série de dificuldades (que tornam o feito quase impossível) para conseguirem passar no vestibular em cursos de alta concorrência? 02) A observação de Bourdieu com relação à inércia da escola. Essa observação é particularmente importante para este trabalho, uma vez que no contexto contemporâneo, marcado pela velocidade das informações, as escolas passam por uma maior dificuldade de atualização.

Apesar de basear-se no pensamento de Bourdieu, este artigo ressalta que, segundo Ribeiro (2002), o autor francês dá bastante ênfase à função social da cultura, compreendendo-a “como instrumento político-ideológico a serviço da necessidade intrínseca à classe dominante de estabelecimento de uma distinção social” (RIBEIRO, 2002, pp. 66). Dessa constatação, Ribeiro constrói uma crítica ao pensamento do autor, ao observar que “essa perspectiva da cultura e sua proximidade explícita com a luta de classes torna sua dinâmica relativamente estática; ela caminha a passos lentos e quase imperceptíveis, excetuadas as situações sociais de convulsão ou revolucionárias” (RIBEIRO, 2002, pp. 69). Além disso, Ribeiro (2002) aponta para um não detalhamento de Bourdieu acerca das instituições de comunicação.

Portanto, esta pesquisa buscou mais detalhes sobre a relação entre o “campo dos *media*” e as instituições sociais na obra de Duarte Rodrigues (1990). O autor português conceitua o campo *dos media* como:

Noção abstrata com a qual se pretende dar conta de todo um conjunto de funções indispensáveis ao funcionamento de uma sociedade dividida e confrontada com a necessidade de assegurar, apesar de tudo, uma relativa homogeneidade da sua estrutura e um entendimento acerca dos seus princípios, objetivos, prioridades e modalidades de acção (RODRIGUES, 1990, pp. 153).

Rodrigues considera o desenrolar de um “desencantamento que fundamenta a secularização observada como atitude nas mais diversas formas de sociedade”



(RODRIGUES, 1990, pp. 28), o que marca um processo de autonomização e uma indefinida divisão do tecido social. Ou seja, cada vez mais independentes da religião, diversos campos sociais vão se autonomizando. Para Rodrigues (1990), a instituição dos *media* é uma das mais recentes a delimitar-se como campo social, de modo a se constituir como campo de mediação entre os diferentes campos tradicionais. Portanto, a legitimidade do campo dos *media* é delegada dos outros campos sociais. Ocorre então que os assuntos referentes aos campos científico, político-jurídico, educacional e artístico, definidos por Bourdieu, estarão presentes no campo dos *media*, ora em processos marcados pela cooperação ora por conflitos. Rodrigues detalha ainda que o modo como esses campos estão em relação é profundamente marcado pela prevalência do dizer frente ao fazer, o que “faz com que o discurso assuma na modernidade uma posição central na estruturação do tecido social” (RODRIGUES, 1990, pp. 158).

Ao analisar mais especificamente a relação entre cultura e o campo dos *media*, Rodrigues registra que as escolas desempenhavam um papel de legitimação, de modo que a cultura era o que promoviam e publicavam, mas hoje “essa função encontra-se disseminada por uma multiplicidade de instâncias, das quais sobressai a instância massmediática⁶ subordinada ao *campo dos media*” (RODRIGUES, 1990, pp. 194). A legitimação cultural sai dos limites da escola e passa a ser feita pelo campo dos *media*⁷.

Uma face dessa nova dinâmica pode ser observada quando o que é discutido entre os estudantes na escola é a programação da TV ou vídeos na Internet. Ou, ainda, quando se verifica no vestuário dos estudantes o estilo de algum personagem de novela. Os conflitos dessa relação podem vir da situação de inércia da escola, tratada por Bourdieu. Ao passo que a velocidade é marca na troca de informações e de “pautas do momento” produzidas no meio midiático. Os conflitos podem ainda vir de um posicionamento da escola que tende a se “entrincheirar”, a considerar ruim o que não está nos livros ou ao utilizar a tecnologia de forma instrumental ou ilustrativa. Dessa forma, a orientação que muitos diretores e professores tendem a seguir é que os conteúdos presentes no cotidiano de crianças e adolescentes pela TV, Internet e outros

⁶ “A expressão *mass media* designa habitualmente o conjunto dos meios de comunicação social (imprensa escrita, radiodifusão sonora e televisiva, publicidade, cinema)” (RODRIGUES, 1990, pp. 152).

⁷ Ressalte-se que ao referir-se à relação entre cultura e o campo dos *media*, Rodrigues (1990) considera que há a transformação da atividade cultural em atividade consumista, a qual não corresponde às atividades produtivas nem aos hábitos de vida das sociedades produtoras. Como consequência, haverá uma folclorização, uma tendência a considerar a cultura como o que está no passado.



meios fiquem fora dos muros da escola. Um detalhamento teórico e crítico da relação dualista entre comunicação e educação está em Martin-Barbero (2002).

3 A Educação desde a Comunicação

Já o título da obra de Martin-Barbero (2002) é provocante. Este artigo identifica três questões observadas no cotidiano das escolas públicas de cidades do Ceará que ressaltam a importância da pesquisa do autor.

O primeiro exemplo refere-se aos desafios vividos por educadores no contexto contemporâneo, diante das diferenças entre os conteúdos previstos na grade curricular e a infinidade de conteúdos trocados entre os estudantes nas mais variadas formas fora das salas de aula. Conversar sobre a novela da televisão; ouvir centenas de músicas condensadas em formato MP3 em aparelhos de som; jogar em videogames e computadores; ver recados, fotos e ilustrações no Orkut, uma das redes de relacionamentos mais populares no Brasil; ou trocar mensagens por celular são alguns dos fortes concorrentes às aulas de matemática, física, biologia etc.

O segundo exemplo refere-se às atuações de ONGs junto às escolas públicas, de forma a desenvolverem um papel de mediadoras da produção de materiais de comunicação por parte de educadores e estudantes. A ONG Catavento Comunicação e Educação é um exemplo que a partir do projeto “Segura essa Onda” instala equipamentos de rádio nas escolas e, por meio de uma equipe composta por jornalistas e pedagogos(as), ministra oficinas com duração de nove meses em média com conteúdos que vão da leitura crítica dos meios de comunicação à produção de programas de rádio a ser veiculados na escola.

O terceiro exemplo aborda a iniciativa do professor Francisco Isac da Silva, que durante o ano de 2007 e o primeiro semestre de 2008, coordenou um grupo de crianças de 10 e 11 anos, do liceu José Furtado de Macedo, na produção do programa “Sementes do Amanhã”, na cidade de Jaguaribara, interior do Ceará. O programa era veiculado ao vivo, aos sábados, na Rádio Jaguaribara FM.

Esses três exemplos põem em evidência os campos da comunicação e da educação, bem como as formas de cooperação e os conflitos entre os dois campos.

Segundo Martin-Barbero (2002), na contemporaneidade a educação não pode ser pensada desde um modelo escolar. As idades para aprender são todas, o aprendizado se desenvolve em qualquer lugar e em momentos que variam do trabalho ao ócio. Para o autor, há, portanto, uma mudança de uma sociedade com um sistema educativo para uma sociedade educativa (MARTIN-BARBERO, 2002).



Martin-Barbero, como Bourdieu, considera as relações sociais entre dominantes e dominados, porém, formula perspectivas distintas do autor francês. Martin-Barbero parte das leituras das pesquisas do educador Paulo Freire. Segundo essas pesquisas, os latino-americanos passam por processos de silenciamento da cultura desde a colonização dos territórios. Há “una frustración que impide ‘hablar’, decir el propio mundo y decirse a sí mismo” (MARTIN-BARBERO, 2002, pp. 29). Na perspectiva de Paulo Freire, a alfabetização é conceituada como um processo muito mais amplo que o saber ler e escrever, pois abrange a construção de uma consciência crítica, o descobrir-se sujeito e portador de uma palavra própria. Tanto Freire quanto Martin-Barbero farão a conceituação da palavra em ação, enquanto possibilidade de o homem assumir a palavra que vem do seu mundo, da sua terra, do seu trabalho, e de partir desse reconhecimento para criar e transformar. Importante ressaltar que Bourdieu “desconsidera a capacidade crítica dos agentes e visualiza a linguagem, unicamente como campo de disputa e não como instrumento emancipatório” (SAMPAIO, 1993, pp.222).

Outra consideração de Martin-Barbero refere-se à necessidade de uma crítica à razão dualista. Enquanto essa crítica não for feita, a tendência será de pensar de forma maniqueísta, de modo a colocar de um lado os livros e sua forma “canônica” de leitura e de outro lado os meios, com destaque aos audiovisuais, e sua forma anárquica de leitura. Essa tendência racional e dualista faz com que alguns rótulos sejam especialmente vinculados às gerações mais jovens, tais como crianças e adolescentes estão perdendo o gosto pela leitura, meninos e meninas só querem saber de televisão e de Internet.

Sem minimizar os desafios crescentes à profissão de professor nem as preocupações de pais, mães e responsáveis que acompanham os filhos e filhas a dar atenção para a programação da TV ou Internet por longos períodos de tempo, este artigo vai ao encontro das idéias de Martin-Barbero e destaca a necessidade de compreender os processos atuais, sem assumir uma postura maniqueísta. Para o autor, a razão dualista não deixa ver o “lugar estratégico que ese medio [a *televisão*] ocupa en la cultura cotidiana de las mayorías, en la transformación de las sensibilidades, en los modos de percibir el espacio y el tiempo y de construir imaginarios y identidades” (MARTIN-BARBERO, 2002, pp. 50).

Para fazer um breve exercício a partir da citação do autor, lembro-me que a novela em exibição no horário nobre da TV Globo intitulada “Caminho das Índias”, faz



com que o modo de falar que a novela atribui aos indianos atravesse os muros das escolas e virem jargões ou brincadeiras no cotidiano dos estudantes.

O termo “visual” é caro ao texto “La educación desde la comunicación”. Para o autor, é preciso refletir sobre os meios audiovisuais. De modo que na contemporaneidade é impossível que se considere uma só forma de leitura, a dos livros. A perspectiva de leitura de Martin-Barbero está profundamente enraizada nas idéias de Paulo Freire. Alfabetizar-se é aprender a ler o mundo em que se vive, compreender as palavras que fazem parte deste mundo. Portanto, atualmente, é preciso mudar as formas de leitura, já que estamos cercados por uma “pluralidad y heterogeneidad de textos y escrituras” (MARTIN-BARBERO, 2002, pp.65). O autor observa que as novas gerações, familiarizadas com essa pluralidade das formas dos textos e escrituras, não deixam de ler, mas a leitura não é mais linear e vertical como nos livros.

Porém, a mudança das formas de leitura encontra alguns obstáculos no interior das escolas. Para Martin-Barbero (2002), há ausência de políticas culturais e comunicativas na educação, de forma que o sistema educativo é incapaz de pensar a envergadura das relações que crianças e adolescentes estabelecem com as tecnologias audiovisuais e informática. De acordo com Martin-Barbero, para a mudança dessa postura, é necessário que as novas tecnologias façam parte de estratégias de conhecimentos. À medida que há uma aproximação entre os campos da comunicação e da educação, mais viável se torna a formulação de estratégias de conhecimentos possíveis para professores, estudantes e escolas.

Algumas vezes a demanda pela aproximação dos dois campos parte da escola e gera a mediação de instituições voltadas para a comunicação. É o caso dos dois exemplos citados na abertura deste tópico, ambos centrados na produção radiofônica por parte de estudantes e educadores. Quais as possibilidades dessa produção?

Oliveira (2008), que recentemente defendeu dissertação de mestrado em educação sobre os processos desenvolvidos no projeto “Segura essa onda”, observa que a participação dos adolescentes nas oficinas de comunicação representa

um caminho sem volta. Os jovens, então, descobrem que o direito que possuem à comunicação é mais amplo do que o acesso aos meios, passa pelo direito de falar e de serem representados, percebem que podem dialogar desejos, histórias e que um veículo de comunicação pode ampliar a possibilidade que possuem de transformar sonhos em projetos possíveis de vida (OLIVEIRA, 2008, pp.87).



Os adolescentes envolvidos no processo dizem o seu mundo, o seu contexto, com sua própria linguagem e suas formas de narrar. Para Martin-Barbero (2002), o rádio é um meio potenciador desse tipo de processo. Devido aos baixos custos, há uma diversificação de emissoras, inclusive, locais e comunitárias. ONGs e movimentos sociais vão se aproximar dessas emissoras, onde encontram um outro tipo de espaço público. Destaque-se que a participação no espaço das rádios, para o autor, vai além da representação. “Movimientos sociales barriales o locales y ONGs encuentran en la radio la posibilidad de un nuevo tipo de espacio publico: ya no para ser representados sino reconocidos desde sus próprios lenguajes y relatos” (MARTIN-BARBERO, 2002, pp. 70). No caso do projeto “Segura essa onda”, mesmo que não se dê a veiculação do programa em emissoras, a veiculação via sistema de som dentro da escola possibilita uma ampliação, além disso serão os próprios estudantes e educadores os autores dos relatos.

Mas que tipo de desafios existem nesse processo? Alguns exemplos podem ser dados com base no desenvolvimento do projeto. Em uma das escolas, localizada em Fortaleza, o sistema elétrico não comporta os equipamentos. A estratégia da direção da escola é de ligar os equipamentos, juntamente com as crianças e adolescentes que participaram das oficinas, somente em dias de sábado, quando as luzes da maioria das salas de aula estão desligadas. O funcionamento da rádio-escola se dá assim de modo restrito, enquanto alguns estudantes e professores desenvolvem atividades na escola no fim de semana, no projeto “Escola Aberta” do Governo Federal. Em uma outra escola, também em Fortaleza, uma fechadura quebrada em uma das salas de aula fez com que o diretor não permitisse que os estudantes permanecessem nos corredores durante os intervalos. Todos os estudantes receberam a orientação de permanecerem no pátio, onde o sistema de som não chegava, devido a um defeito nas cornetas⁸ instaladas no local.

Além das questões técnicas, outro desafio está na distância de muitos dos professores das escolas do processo de gestão e acompanhamento da rádio-escola. Apesar de o projeto “Segura essa onda” realizar oficinas com os educadores em paralelo com as oficinas de estudantes, são poucos os professores que se envolvem, de modo que as demandas cotidianas da rádio, como organização de programas diários, acabam concentradas em um ou dois professores por escola. A utilização da tecnologia “rádio”

⁸ A corneta é um dos equipamentos que fazem parte do chamado “kit” da rádio-escola, relacionado no projeto “Segura essa onda”. Trata-se de auto-falante que pode ser instalado em postes de iluminação e amplificar o som.



como estratégia de conhecimento permanece longe do cotidiano da maioria dos professores e dos estudantes.

Oliveira (2008) registra um outro obstáculo para a utilização da rádio-escola como um processo de autonomia e aprendizagem dos estudantes e em cooperação com os professores, quando exemplifica casos em que a rádio é utilizada como extensão da direção da escola, apenas para a transmissão de recados.

Se a “rádio” na escola traz uma série de demandas possíveis de ser realizadas apenas com uma interferência significativa na estrutura escolar, o que dizer quando os programas saem das fronteiras dos muros escolares e são veiculados em emissoras FM?

Com relação ao terceiro exemplo citado na abertura deste tópico, tem-se essa outra perspectiva: A produção das crianças do programa “Sementes do amanhã” é apresentada ao vivo na programação de sábado da rádio FM da cidade de Jaguaribara. Em entrevista, o mediador da iniciativa refere-se à questão da alfabetização das crianças envolvidas na produção: “Os programas incentivam a criança a ler e entender o Estatuto da Criança e do Adolescente. Para estar na rádio eles perdem a inibição, tem que ter leitura, eles correm para aprender a ler. Querem aprender a ler para ir para a rádio” (Entrevista Francisco Isac da Silva, 2008).

A produção radiofônica envolve, portanto, outra forma de leitura a que se refere Martin-Barbero. Para produzir os programas, as crianças enfrentam a dificuldade de acesso a um acervo diversificado e atualizado, o que faz com que as pesquisas não possam se restringir aos poucos livros ou enciclopédias das bibliotecas da escola. A necessidade de ter o roteiro do programa pronto semanalmente, com horário definido, traz uma urgência da busca de informação. Essa informação não pode ser desatualizada nem distante da realidade dos ouvintes da rádio na cidade. Esse é outro fator que impede que a pesquisa seja restrita aos livros. As características do rádio de proximidade, atualidade, imediaticidade fazem com que a pesquisa seja feita em um outro meio de comunicação que dispõe das duas últimas características: a Internet. Em compensação, para suprir a demanda dos ouvintes pela proximidade do assunto, a pesquisa precisa envolver as fontes locais, que passam a ser procuradas pelas crianças para conceder entrevistas.

O momento de escrita dos roteiros também é delicado. As crianças precisam ler as informações e o mundo que as cerca, interpretar o conteúdo pesquisado e reescrever a pesquisa, respeitando o princípio da simplicidade da linguagem radiofônica. A leitura



do roteiro deve ser feita como se não fosse uma leitura, mas uma conversa, e entra em questão a oralidade do rádio.

Em entrevista realizada em Jaguaribara com as crianças produtoras do “Sementes do amanhã”, em 09 de abril de 2009, houve relatos em que afirmavam que o que mais gostavam no programa era o momento da leitura de mensagens e da leitura do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. “É o que eu mais gosto porque é uma forma de se comunicar com as pessoas. A gente dá o bom dia através da mensagem. Tem muitas mensagens bonitas. Mas o que a gente aprende mais a ler é o ECA”. (Entrevista Aurivânia Nogueira da Silva, 2009).

As outras três crianças participantes desse momento de entrevista complementaram a fala de Aurivânia com depoimentos de que caso falassem algo errado, logo havia comentários por parte da comunidade e dos colegas da escola onde estudam. “Tem vezes que as pessoas reclamam que a gente fala errado ou quando a gente não dá um alô para alguém” (Entrevista Rita Gabriele Sousa, 2009). No entanto, o falar errado com relação às normas gramaticais de sintaxe e concordância não é suficiente para impedir a realização dos programas, as crianças continuam na tentativa e registram que a melhora da leitura ocorre durante o processo. “Mudou o dia-a-dia, a leitura melhorou. O modo de falar correto. A gente começou a se interessar mais pelo estudo” (Entrevista Aurivânia Nogueira da Silva, 2009).

As questões do reconhecimento e da popularidade também são ampliadas quando o programa é veiculado na emissora local. “A comunidade pede um alô. Os colegas na escola falam Lianne você na rádio! Manda um alô pra mim. Até minha avó pede um alô. A gente arranja mais amizade, fica mais conhecida” (Entrevista Lianne Peixoto Bezerra, 2009).

Percebe-se que a veiculação do programa na emissora de Jaguaribara amplia as pressões, pois partem da comunidade da cidade e não só da comunidade escolar. Essas pressões vão interferir na estrutura do programa.

Além dessa pressão com relação ao falar correto, que pode ser relacionado a aspectos qualitativos do programa ou mesmo estéticos, há a pressão econômica-política, que parte do corpo de funcionários da rádio. Como exemplo, minha chegada na cidade, para realização de pesquisa de campo, fez com que o professor Isac da Silva, mediador da produção do programa “Sementes do Amanhã”, pedisse um espaço ao vivo, interrompendo o programa “Debates e notícias”, apresentado pelo locutor Giovani Araújo. Isac iniciou uma entrevista comigo, em que expliquei que estava pesquisando a

produção do programa “Sementes do amanhã” e agradei ao grupo que estava me recebendo. Durante o intervalo, o locutor Giovani fez a sugestão de que “valia ressaltar” o patrocínio do programa “Sementes do amanhã” por parte de Cristiano Maia e complementou que Cristiano era o “dono da rádio”.

Além disso, fazer parte da programação de uma emissora também demanda do programa um retorno da audiência. Segundo Isac da Silva, para que esse retorno ocorra de forma mais ampla, é preciso que a produção recorra à estratégia de realizar sorteios de brindes. Por exemplo, na ocasião do “Sementes do Amanhã” que foi ao ar no dia das crianças do ano de 2008, houve um sorteio de um *kit* escolar e uma boneca entre as crianças que ligassem para a emissora e respondessem qual o nome do programa.

Esses exemplos apontam para algumas diferenças entre as repercussões de uma “rádio” instalada na escola e de um programa produzido por estudantes e educadores veiculado em emissora de rádio. Os fatos descritos indicam que enquanto na primeira ocasião, há demandas que afetam a estrutura escolar; na segunda ocasião, o programa veiculado nem sempre pode afetar a estrutura da emissora, ocorrendo com mais intensidade o inverso, de modo que as pressões do patrocínio e da medição da audiência é que trazem demandas para a estrutura do programa, como a inserção de constantes citações do patrocínio ou a realização de sorteios como estratégias para garantir audiência.

Os desafios citados de modo algum invalidam ou dão menos importância às iniciativas. Como exemplo, retomo artigo produzido para o XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Intercom, ocorrido neste ano, no Piauí, no qual fiz a análise de dois programas “Sementes do Amanhã”. Registrei que durante a produção dos programas há um grande exercício das crianças participantes com relação à leitura da palavra escrita. Esse objetivo está presente inclusive em uma das vinhetas do programa: “Está começando mais um Sementes do Amanhã, incentivando a criança na leitura e na escrita” (GRAVAÇÃO “SEMENTES DO AMANHÃ”, 2008). As entrevistas realizadas pelas crianças produtoras, levadas de maneira simples, como uma conversa, também são pontos fortes do programa. Feitas essas constatações, o artigo finalizava com uma questão a ser tratada em um segundo momento de pesquisa: A transformação do escrito em oral. Afinal, a simples leitura de mensagens ou do Estatuto da Criança e do Adolescente faz com que o que está sendo dito seja compreendido tanto pelas crianças que estão lendo, como pelos ouvintes do programa?



Durante entrevista, já em 2009, as crianças produtoras do “Sementes do amanhã” lembraram alguns artigos a que se referiram do Estatuto da Criança e do Adolescente nos programas, evidenciando o que haviam compreendido do Estatuto. “Na época do Carnaval, a gente leu no ar o artigo que falava da proibição da venda de bebidas a crianças” (Entrevista Mayara Alves, 2009). Outra lembrança com relação ao conteúdo do Estatuto estava relacionada à proibição do trabalho infantil. As crianças citaram o caso de um colega que saiu da escola para trabalhar como ajudante de pedreiro. “Quando nosso colega ouviu a informação de que a mãe de uma criança que trabalha pode ir ao Fórum da cidade, ele voltou aos estudos. Ele já estava reprovado por faltas e voltou para ver se passava de ano” (Entrevista Aurivânia Nogueira da Silva, 2009). As citações das crianças indicam nas entrelinhas o que foi compreendido por elas a partir da leitura da lei, dos debates ocorridos na produção do programa e nas repercussões da veiculação.

Este artigo se debruçou sobre algumas idéias, especialmente, de Bourdieu e de Martin-Barbero, para relacionar a comunicação e educação. Finaliza com observações empíricas de algumas atuações na fronteira entre esses dois campos. O artigo sinaliza para a idéia de que o processo de produção radiofônica feita por crianças e adolescentes possibilita a pluralidade das leituras e escritas, que passam, inclusive, a ter um sentido mais claro do por que ler ou escrever. Os desafios apontados no artigo estão entrelaçados com os avanços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1992.

_____. **O campo científico**. In: Bourdieu (Col. Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.

CAMPOS, Tarciana de Queiroz Mendes. **Nas Ondas da Rádio de Jaguaribara FM: Um Estudo da Articulação em Rede do Programa “Sementes do Amanhã”**. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Intercom, Teresina, 2009.

DONSBACH, Wolfgang. **The Identity of Communication Research** *In* Journal of Communication, n. 56, 2006.

HERBST, Susan. **Disciplines, Intersections, and the Future of Communication Research** *In* Journal of Communication, n. 58, 2008.



LOPES, Maria Immacolata V. **O campo da comunicação:** sua constituição, desafios e dilemas *in* Revista Famecos, Porto Alegre, n. 30, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____. **La educación desde la comunicación.** Buenos Aires: Norma, 2002.

MARTINO, Luiz C. **Abordagens e representação do campo comunicacional.** Anais do 15º Encontro Anual da COMPOS, Bauru:UNESP, 2006.

OLIVEIRA, Alessandra. **Trajetórias juvenis nas ondas da rádio-escola.** Fortaleza: Dissertação de mestrado, 2008.

RIBEIRO, Lavina M. **Comunicação e Sociedade:** Cultura, informação e espaço público. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação** – Questão comunicacional e formas de sociabilidade. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

SAMPAIO, Inês Silvia Vitorino. **A sociologia dos bens simbólicos.** Temáticas. Campinas: IFCH, Unicamp, jul./ dez. 1993.

SOARES, I. **Educomunicação:** um campo de mediações. Comunicação & Educação, Brasil, v. 7, n. 19, 2007. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4147/3888>. Acessado em 04 jul. 2009.